

**SÃO JOÃO DE IBICUÍ-BAHIA: INVENÇÃO NA CIDADE E REINVENÇÃO
NO ESPAÇO RURAL A PARTIR DO TURISMO**

Itamar de Jesus Souza¹

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar a teia de significados que o tradicional trama com o moderno, em relações discursivas e práticas que não são apenas de exclusão e achatamento, mas de complementaridade e troca, de cruzamentos e hibridizações, no São João de Ibicuí, cidade situada no Sudoeste da Bahia, a partir da reconfiguração realizada sobre a tradição pelos agentes público e privado, visando ingressar a festa no concorrido mercado do turismo. Para tanto, utilizou-se de revisão bibliográfica e da observação nos dias de festa no ano de 2010.

Palavras-chave: São João, Moderno, Tradicional, Turismo.

Introdução

Eis que chega o mês de junho. A cidade se enfeita para receber os visitantes que vem dos mais distantes lugares atraídos pelo seu São João. Nesse momento os gestores públicos já negociaram as bandas que se apresentarão na praça principal. Há uma exigência: só tocarão as de forró. Pode ser o forró misturado com ritmos modernos como a lambada, ou com o sertanejo. Não podem faltar os grandes nomes desse ritmo. Mas tem o sanfoneiro mais tradicional também, o famoso pé-de-serra.

As festas de camisa não terão a mesma preocupação. Misturarão grupos de forró com artistas consagrados da axé-music. Não tem problema, alguns clientes gostam assim mesmo, por isso elas são um sucesso e já somam três festas privadas na cidade de Ibicuí, situada no sudoeste da Bahia.

¹ Graduado e comunicação Social pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestrando em Cultura e Turismo pela mesma Instituição.

Email: tuca.musica@yahoo.com.br



No final todos acabam lucrando com a festa, ou quase todos. Quem tiver uma casa para alugar pode ganhar até cinco mil reais ou, quem sabe, até mais, afinal, esse ano serão cinco dias de festa, começando na quarta-feira, véspera de São João até domingo. A cidade não comemora o São Pedro, o chefe da igreja, o primeiro Papa para os católicos. Não com a mesma dedicação e esmero que o São João, o precursor do Messias, apesar do primeiro ser o padroeiro da cidade.

Das comemorações ao estilo tradicional que tem origem na primeira metade do século XX aos dias de hoje, quando a festa se tornou um empreendimento de sucesso econômico e de promoção dos ocupantes do Poder Público municipal, o que se evidencia é a sintonia da cidade com as mudanças ocorridas no mundo nas últimas décadas.

O objetivo desse artigo é analisar a teia de significados que o tradicional trama com o moderno, em relações discursivas e práticas que não são apenas de exclusão e achatamento, mas de complementaridade e troca, de cruzamentos e hibridizações, no São João de Ibicuí, cidade situada no Sudoeste da Bahia, a partir da reconfiguração realizada sobre a tradição pelos agentes público e privado, visando ingressar a festa no concorrido mercado do turismo. Para tanto, utilizou-se de revisão bibliográfica e da observação nos dias de festa no ano de 2010.

Parte-se do princípio de que o turismo é um dos importantes agentes de transformação da cultura na atualidade, não só pelo contato entre residentes e visitantes, mas, no caso das festas e outras manifestações da cultura popular, na invenção ou reinvenção de tradições.

A (des) continuidade com o passado

A cidade de Ibicuí está localizada na zona fisiográfica de Vitória da Conquista, situada no sudoeste da Bahia, há 535 Km² de Salvador. Apresenta como principal atividade econômica a pecuária, e na agricultura, destaca-se o cultivo do cacau. No setor terciário, apresenta atividades comerciais de pequenos e micro comerciantes que dependem, em grande medida, dos rendimentos de aposentados e funcionários públicos do município (SEI 2009). Possui ainda uma agência do Banco do Brasil e um hospital municipal.

Em relação aos equipamentos de hospedagem, possui três pousadas e um hotel. Apresenta espaços naturais, como a Serra da Lontra ou o Balneário dos Oliveira, propícios ao desenvolvimento do ecoturismo, uma atividade que pode representar uma alternativa a sazonalidade dos festejos de São João. Para se chegar a cidade partindo de Itabuna é necessário, após dirigir pela BR-415 tomar a BA-262. Saindo de Salvador, o turista deve tomar a BR-324, depois seguir no sentido sul pela BR-116 até Poções, por fim, dirigir por mais 67 km pela BA-262 até Ibicuí.

Ao chegar a Ibicuí na semana do São João, o visitante logo se depara com uma cidade especialmente enfeitada para recebê-lo. No principal acesso a Praça Régis Pacheco, onde acontece a festa junina da cidade, logo na entrada, há uma representação do que seria uma casa de matuto, com dois personagens à frente formando um casal, que seriam os supostos donos. Mais adiante, bandeirolas e outros personagens típicos do espaço rural.

Embora existam outros acessos, tudo faz crê que é por ali que os visitantes devem entrar para curtir o São João da cidade. É como se o turista estivesse, não adentrando um espaço de uma pequena cidade, mas imaginariamente fosse convidado a adentrar o universo das festas de São João realizadas na roça, um discurso que remete a idéia de tradição.

Esse exemplo ilustra a apropriação de elementos rurais que são reinventados no espaço urbano no contexto da mercantilização e espetacularização das festas populares. Aliás, não é difícil perceber que o São João de Ibicuí, á semelhança do quem vem ocorrendo em várias cidades do nordeste, se configura muito mais como algo para ser visto do que vivido, um *espetaculum* no sentido em que escreve Rubim (2006).

O apelo à tradição pela administração municipal da cidade é explícito e pode ser verificado, por exemplo, no slogan que aparece nas propagandas impressas e presentes em sites da cidade onde se lê: “São João de Ibicuí – Alegria e Tradição”. Um discurso que tenta sustentar uma idéia de tradição aos moldes do que pensavam os folcloristas do final do século XIX e início do XX, como algo relacionado ao “autêntico”, puro, aquilo que não foi contaminado pela modernidade.

Na verdade o que se observa, pelo que foi relatado até aqui, é uma reconfiguração das tradições juninas a partir do relacionamento com elementos da modernidade como o turismo, num movimento em que o capital converte na atualidade em atrativo aquilo que até um passado relativamente recente parecia não representar

muito valor para certas esferas da sociedade, sendo até considerado como resquícios de algo condenado pela marcha da modernidade: a cultura popular (Ouriques, 2005).

Assim, como é possível sustentar o discurso da tradição do São João de Ibicuí? Uma resposta a essa pergunta está associada ao tema da invenção das tradições, coisa que o turismo, de acordo com Barreto (2005), tem contribuído bastante. Segundo Hobsbawn e Ranger (1998), a continuidade com o passado é uma das principais características das tradições inventadas, além é claro, de aspectos como a tendência a invariabilidade e a retirada de elementos de tradições que desapareceram devido a grandes mudanças.

Para Coelho (2008), tal discurso tenta garantir a autenticidade da tradição localizando-a em um passado longínquo. De acordo com Albuquerque Jr. (2009), esse mesmo expediente foi utilizado pela elite intelectual e artística, tendo Gilberto Freire como um dos expoentes, no início do século para agenciar discursos e práticas que instituíram, ou inventaram, a região nordeste como o espaço da seca, da fome, mas também da saudade, da tradição não corrompida pela modernidade que destruía antigos valores no sul do país.

Luiz Gonzaga, nas décadas de 40 e 50 do século passado, é apontado pelo autor como um dos que ajudaram a cimentar a idéia de nordeste como a região que conhecemos hoje. Suas músicas falam do nordeste como um lugar de memória onde o tempo parece não ameaçar as tradições. Lá é possível viver “sem rádio e sem notícia das terras civilizadas”. É interessante notar como a partir de então as músicas do rei do baião passaram a integrar a festa de São João trazida pelos portugueses no período da colonização do país. Mais um exemplo de uma tradição inventada.

É provável que o efeito de continuidade com o passado que faz sugerir que a festa sempre tenha sido dessa maneira é maior entre os mais jovens. Eles formam a faixa etária predominante que ocorre a Ibicuí nos dias de comemoração do São João. Para esses a festa é o espaço dos encontros, da sociabilidade. São atraídos, sobretudo, pelas bandas de forró conhecidas nacionalmente presentes tanto na programação da festa realizada pela prefeitura da cidade como pelas festas de camisa de iniciativa de grupos privados.

Pesquisas recentes realizadas no âmbito do turismo cultural (RICHARDS, 2009) têm demonstrado que são os jovens os maiores consumidores de atrativos culturais. Até bem pouco tempo acreditava-se que os verdadeiros interessados nesse segmento eram pessoas adultas com idade a partir dos 40 anos.

O começo da festa

Apesar de parecer que sempre foi assim, por ser uma tradição inventada o atual modelo de comemoração, as comemorações do São João de Ibicuí remontam ao período em que a cidade ainda era uma vila, na primeira metade do século passado, e apresentavam características bem diferentes. Aproximava-se mais do modo comunitário de comemorar associado às tradições portuguesas que aqui desembarcaram.

De acordo com Freitas (2004), grupos de pessoas saíam tocando instrumentos e cantando pelas ruas e quando passavam em frente à algumas residências perguntavam “São João passou por aí?”. Se o dono da casa respondesse afirmativamente todos adentravam o estabelecimento para comer e beber as iguarias típicas da época especialmente preparadas para aquela ocasião.

De acordo com o mesmo autor, na década de 1950 o São João ainda não era a festa mais comemorada da cidade, e sim o São Pedro. A razão parece óbvia uma vez que este é o padroeiro da cidade. Porém, a comemoração seguia um cânone rígido recomendado pela igreja católica que proibia danças, bebidas e outros excessos. Dessa maneira, o São João que congregava todas essas possibilidades, pelo menos em seu aspecto profano, aos poucos foi alçado à condição de festa principal a tal ponto que nos dias atuais está associado à identidade da cidade.

Na década de 1960, de acordo Freitas (2004), ocorre a criação do primeiro espaço privatizado da festa: a Associação cultural Beneficente, espécie de clube freqüentado pelos indivíduos com maior poder aquisitivo da cidade nas festas de São João (FREITAS, 2004). Mesmo assim, a população continuava a comemorar a festa pelas ruas e casas da cidade enfeitando-as com bandeirolas, acendendo fogueiras e preparando a culinária, que após as contribuições dos grupos formadores da sociedade brasileira, como o indígena que já utilizava amplamente o milho em sua alimentação, passou a ser designada de típica. A herança do autóctone ganhou novos usos como ressalta Candido (1997, p.52)

O caso mais interessante é todavia do milho, que foi cereal básico do aborígene e ainda é do caipira, mas sob formas múltiplas e variadas, mostrando que sobre ele operou mais intensamente o trabalho cultural de invenção e adaptação.

A partir do ano de 1967 a festa foi assumida pelo Poder Público municipal que, desde então, passou a realizá-la na Praça Régis Pacheco até os dias atuais. Mas é a partir da década de 1980 que a festa passa por mudanças estruturais, período em que começa a

se delinear os contornos do São João de Ibicuí tal como se conhece hoje. O governo municipal percebendo a capacidade atrativa do evento, visando incrementar a economia da cidade e, também, vislumbrando os benefícios políticos com a realização da festa passa a investir significativamente na realização da mesma.

A iniciativa privada, por sua vez, reinventa o espaço privado que existiu nas décadas de 1950/1960 através da criação da festas de camisa² ou Blocos. Até o início da década 1990 existiram várias pequenas festas dessa natureza em Ibicuí. Porém, a única que logrou êxito chegando até os dias de hoje foi a festa de camisa TicoMia, criada em 1987. O que antes era apenas uma celebração entre amigos, parentes distantes e alguns moradores de Ibicuí, torna-se um negócio bastante lucrativo para seus sócios. Para se ter uma idéia do sucesso desse evento, de acordo com o diretor da Coordenadoria de Turismo do município, Raimundo Cerqueira, a festa Tico Mia atraiu para a Fazenda El Dorado, a 3 km da cidade, em 2009, mais de dez mil pessoas de várias cidades da Bahia e de outros Estados.

Outras festas desse gênero surgiram na última década na esteira do sucesso da festa de camisa TicoMia, são elas Brega Light, surgida em 2002 e a Festa do Matuto, em 2007. Nenhuma delas, porém, conseguiu atingir o êxito daquela; não, por enquanto, no que se refere ao número de turistas nem tão pouco em relação a fama que goza em vários estados do Brasil.

O interesse pela festa de camisa TicoMia é tão grande que os seus donos disponibilizaram na internet um site onde as pessoas podem se cadastrar para ter direito a comprar o primeiro lote das camisas no ano seguinte. Uma visita exploratória ao escritório da produtora de eventos Descanso do Guerreiro, localizada em Itabuna, permitiu verificar que já existiam solicitações de cadastro para a edição da festa de 2011 por pessoas de mais de 12 estados do Brasil. Além de brasileiros, as últimas edições da festa sempre contaram com a presença de turistas estrangeiros.

Dessa maneira, o que era para ser uma simples confraternização entre familiares e colegas de faculdade em período de recesso junino, tornou-se um grande empreendimento responsável pela atração de um número significativo de turistas que vão a Ibicuí no período junino. Há indícios de que a fama da cidade como um dos melhores lugares para se aproveitar os festejos juninos se deva a esta festa.

Da década de 1980 até os dias atuais, do mesmo modo que a festa realizada pelo Poder Público Municipal, a festa de camisa TicoMia também se modificou. Porém,

² São festas onde o acesso se dá através da compra de uma camisa e geralmente o consumo de comidas e bebidas já está embutido no valor da mesma.

diferentemente daquela, soube conservar em seu favor os elementos mais tradicionais dos festejos juninos, a começar pelo fato de sempre ter sido realizada na fazenda El Dorado, a três Km da zona urbana.

O modo como os agentes institucional - prefeitura - e privado reelaboraram os elementos tradicionais dos festejos juninos, resultado das contribuições dos grupos que formaram a sociedade brasileira, à tradição trazida de Portugal durante o período da colonização e compartilhados pela comunidade de Ibicuí desde os primeiros núcleos urbanos, constitui a discussão do tópico seguinte.

A atuação desses dois agentes em Ibicuí confere ao São João da cidade determinadas especificidades quando comparada a outros destinos que têm nessa festa seu principal atrativo. Para melhor compreender esse processo será analisada a festa promovida pela prefeitura da cidade e a festa de camisa TicoMia, por serem realizadas a mais tempo no município e, por esse motivo, oferecerem pistas mais consistentes sobre a reconfiguração do São João através da atividade turística.

Invenção no espaço urbano, reinvenção no espaço rural

O processo de reconfiguração da tradição com a invenção da festa no espaço urbano através de sua formatação em produto turístico-cultural acarretou, de acordo com pesquisa exploratória realizada no ano de 2010, a progressiva retirada dos elementos tradicionais dos festejos juninos do cenário da festa, ou seja, a Praça Régis Pacheco. Não se observa mais naquele lugar a presença de manifestações próprias do período junino como apresentação de quadrilhas e ruas enfeitadas com bandeirolas, por exemplo. Não foi possível também identificar nenhuma fogueira nas ruas próximas à praça onde as atrações musicais se apresentavam.

Ao invés das comidas consideradas típicas dos festejos juninos como os produtos a base de milho ou amendoim, que são colhidos nesse período, o que aproxima o São João dos cultos agrários da antiguidade, havia trailers vendendo hambúrgueres e espetinho de carne. A cerveja parece que tomou de vez o lugar do licor e do quentão no circuito da festa. Onde estão as pessoas da comunidade que se vestiam com trajes caipiras para a ocasião como atestam algumas fotos encontradas no Museu José Veiga de Preservação da Memória Ibicuiense?

Descontados todos esses elementos indicativos da tradição dos festejos juninos, a única coisa que sugere que se está numa festa de São João são os grupos de forró que

se apresentam na Praça Régis Pacheco. Muitos deles já não oferecem aquela música legada por Luiz Gonzaga, de ritmo mais compassado, o chamado pé-de-serra. Ao conhecido trio nordestino, a zabumba, o triângulo e a sanfona, juntaram-se a guitarra elétrica, o baixo e a bateria. Além disso, nos dias atuais, o forró mescla-se com estilos variados como a lambada e a música sertaneja.

Uma propaganda colocada ao lado da praça também faz referência aos símbolos que caracterizam a festa. Trata-se de um luminoso com o nome da Petrobrás e que traz a imagem desenhada de um chapéu de couro semelhante ao usado por Luiz Gonzaga e, antes dele, popularizado pelo bando de Lampião, o rei do cangaço.

A festa se apresenta assim como uma vitrine onde as organizações públicas e privadas aproveitam para se comunicar com o seu público alvo utilizando-se dos símbolos compartilhados pelos mesmos. Esses elementos de identificação e pertencimento, que contribuíram para a invenção do nordeste enquanto espaço da tradição (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009), reforçam a imagem das instituições públicas perante os cidadãos de uma determinada cidade, como é o caso de Ibicuí. Já para as empresas privadas torna-se uma excelente estratégia de marketing para apresentar produtos aos seus consumidores. Esse processo é denominado por Lucena Filho (2007) de Folkmarketing.

Além disso, a festa de São João realizada pela prefeitura de Ibicuí reforça o argumento de Garcia Canclini (2003) de que as festas populares na contemporaneidade não são mais exclusividade de camponeses ou grupos étnicos, nem são patrocinadas apenas por elites agrárias. Ao contrário, participam de sua realização Ministérios e Secretarias de Cultura e Turismo, empresas de bebidas e, principalmente, os meios de comunicação.

Nesse sentido, é importante assinalar que nos meios de comunicação utilizados para a divulgação da festa como a publicidade impressa e a internet, por exemplo, o São João de Ibicuí aparece como o lugar da alegria e da tradição como já foi mencionado acima. No entanto, a observação realizada nos dias da festa permite inferir que a referida tradição acontece apenas no nível discursivo, carecendo, dessa maneira, de referenciais materiais, ou seja, os elementos tradicionais dos festejos juninos no espaço da festa.

Como não há elementos tradicionais sem a presença de pessoas que os mantenham presentes no espaço da festa, dizer que estes estão ausentes é, de alguma maneira, dizer que parte da comunidade de Ibicuí se encontra distante do circuito da

festa. A reduzida participação da comunidade na realização da festa denota um diagnóstico sobre estes eventos que acompanham o homem desde tempos imemoriais: as festas na atualidade tendem cada vez mais a ser algo para se ver mais do que participar.

Há algo que confere a essa situação um aspecto inusitado. Diz respeito ao fato de que a secretaria responsável pela organização da festa em Ibicuí é justamente a de educação. Ora, não caberia a esta, em parte, o papel de salvaguardar os elementos tradicionais dos festejos juninos respeitando a dinamicidade que é inerente a cultura?

Dessa maneira, a invenção da festa de São João no espaço urbano na cidade de Ibicuí motivada pela atividade turística é um acontecimento discursivo que ao mesmo tempo em que apela a tradição, a elimina gradativamente do espaço da festa. Trata-se de, nas palavras de Martin-Barbero (2003), ao se referir às utilizações da cultura popular no século XIX, uma espécie de inclusão abstrata e exclusão concreta.

A festa de camisa TicoMia, que se inicia no mesmo período em que a festa realizada pelo Poder Público Municipal começa a se modificar visando o ingresso no mercado turístico, apresenta outra relação com os elementos tradicionais dos festejos de São João. Nesta é possível encontrar os elementos apropriados da festa realizada na cidade, como os grandes palcos, as atrações de grande fama nacional, a cerveja, o espetinho, a camisa que dá acesso a festa e que, de algum modo, contribui com uma imagem homogeneizada do evento. Mas não é só isso. É possível encontrar também uma decoração com bandeirolas, balões, milho cozido, amendoim, cocadas, licores de diversos sabores, além da realização no espaço rural, evidenciando, dessa maneira, a presença da tradição em meio à modernidade.

Tal fato corrobora o que Garcia Canclini (2003) escreve sobre as tradições na contemporaneidade, ou seja, a sobrevivência destas na atualidade depende, em grande medida, das relações, cruzamentos e hibridizações com os elementos da modernidade. Além disso, o mesmo autor adverte que o projeto modernizador encabeçado por intelectuais, cientistas e grupos econômicos não se realiza sem convencer aos demais segmentos da sociedade, entre os quais os detentores da cultura popular, de que estes também participam desse processo.

No rol desses agentes que impulsionam a modernidade valorizando as culturas locais está o turismo. Nesse sentido, essa atividade pode contribuir para atenuar os efeitos da globalização, movimento econômico, mas também cultural, que confere a muitos lugares aspectos cada vez mais parecidos (YÁZIGI, 2000).

Porém, autores como Swarbrooke (2000) e Richards (2009) alertam para o fato de que o turismo, em sua vertente cultural, pode, em muitos casos, degradar as atrações que inicialmente se tornaram motivo de deslocamento para determinado lugar. Tal fato enseja a discussão a respeito da necessidade de planejamento da atividade contando, na medida do possível, com a participação de todos os atores envolvidos (ÁVILA, 2009).

Na Bahia, desde 2008, o governo do estado, através da Secretaria de Cultura e Turismo e Bahiatursa, lança todos os anos o projeto São João da Bahia com a intenção de formatar a festa junina dos 417 municípios baianos. O objetivo é tornar o estado um dos destinos preferidos do nordeste pelos turistas dos vários estados brasileiros interessados em curtir o São João e, ao mesmo tempo, incrementar a economia das cidades da Bahia.

A intenção, como se observa, é boa, pois aposta no turismo como um agente capaz de melhorar a renda das famílias de cidades do interior. Porém, não se pode negar a tendência observada por vários estudiosos do tema em relação ao fato de que as festas espetacularizadas e turistificadas tendem cada vez mais a se tornarem parecidas, com inegável prejuízo para os aspectos singulares (CASTRO, 2009).

A cidade de Ibicuí, como já mencionado anteriormente, inicia o processo de formatação a partir da década de 1980, com o impulso de um agente institucional e outro mercadológico. Ambos se apropriam da tradição de forma diferente. Assim, no procedimento de reelaboração dos elementos tradicionais dos festejos juninos na cidade de Ibicuí é possível detectar dois movimentos diferentes. A invenção da festa no espaço urbano a partir da formatação em produto turístico-cultural implica na exclusão concreta de elementos da tradição junina do espaço da festa e sua inclusão abstrata, ou seja, no nível puramente discursivo como se pode verificar na propaganda utilizada pela prefeitura.

Por outro lado, a reinvenção da festa no espaço rural congrega elementos adquiridos no espaço urbano como os grandes palcos, as atrações nacionais de forró, o evento como algo muito mais para ver e menos para participar, com a revalorização dos elementos tradicionais como, por exemplo, as comidas e bebidas típicas. Assim, é possível observar que na relação com os agentes modernos, responsáveis pela realização da racionalidade capitalista, em algumas situações, a cultura tradicional encontra meios de resistir a uma cooptação total por aqueles valores (SAHLINS, 1997; THOMPSON, 1998; CERTEAU, 1994).

Considerações finais

Estabelecer relação com as festas do passado, numa espécie de continuidade, como se tivesse sido sempre assim é uma das características das festas na atualidade enquanto tradições inventadas. Apropriadas pela atividade turística, tais festas se converteram em espetáculos que atraem pessoas de várias cidades do Brasil e até de outros países.

Esse é o caso de Ibicuí, no sudoeste do estado, que tem na festa devotada a São João, comemorada desde a fundação dos primeiros núcleos urbanos que deram origem a cidade, um dos referenciais da identidade local capaz de atrair visitantes e, dessa maneira incrementar a economia local. Para tanto, a festa desde a década de 1980, vem passando por modificações no sentido de inseri-la no concorrido mercado do turismo.

As festas estão incluídas no seguimento do turismo cultural que, em tese, suscitaria o trânsito de pessoas de lugares distantes atraídas pelas especificidades de determinada localidade. Nesse caso, pergunta-se: como a cidade de Ibicuí se posiciona nesse cenário em que as festas populares adquirem cada vez mais traços semelhantes? A resposta pode estar na maneira em que os diferentes agentes, institucional e mercadológico, se apropriaram dos elementos tradicionais dos festejos juninos naquela localidade.

Há na comemoração do São João daquela cidade tanto uma tendência a homogeneidade quanto a valorização da diferença, dos elementos compartilhados pela comunidade ao longo dos anos. A primeira pode ser observada na festa inventada no espaço público pela prefeitura que ao longo do tempo foi suprimindo os elementos tangíveis da tradição junina. A segunda pode ser percebida na reconfiguração realizada pelo agente privado que, em meio às contribuições trazidas a festa pela modernidade, soube reinventá-la no espaço rural valorizando os elementos característicos da tradição das festas de São João.

Por fim, é preciso ressaltar que a descrição realizada acima merece um aprofundamento maior. Torna-se necessário, por exemplo, entender como ocorreram as mudanças que permitiram a reconfiguração dos festejos juninos naquela cidade nas décadas de 1990 e 2000 através do turismo. Outro ponto que enseja uma investigação é sobre a relação do turista com os elementos tradicionais dos festejos juninos. Será que para ele isso realmente importa? Tais questionamentos são considerados em uma

pesquisa em curso no mestrado em Cultura e Turismo na Universidade Estadual de Santa Cruz.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que não é sério**. 1998. Tese (Doutoramento em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. – 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

AVILA, Marco Aurélio. Política e planejamento em cultura e turismo; reflexões, conceitos e sustentabilidade. In: AVILA, Marco Aurélio (Org). **Política e planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus: Editus, 2009. 232 p.

BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. – 8ª ed. – São Paulo: Editora 34, 1997.

CASTRO, Janio Roque Barros de. A espetacularização das festas juninas no espaço urbano como estratégia de turistificação de pequenas cidades, da Bahia. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 19 n. 2, p. 487-498, jul./set. 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 : artes de fazer**. 5.ed. Nova ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.

COELHO, Teixeira. **A cultura e o seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural: 2008.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003 a. 388p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

FREITAS, Wagner Pereira. **O público e o privado no São João de Ibicuí-Bahia**. 70f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Especialização em História Regional. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2004.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUCENA Filho, S.A. **A Festa Junina em Campina Grande-PB: uma estratégia de folkmarketing**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. 372p.

MORAES FILHO, Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. CAMPINAS, ALÍNEA, 2005, 159 P.

RICHARDS, Greg. Turismo cultural: padrões e implicações. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo Da. (Orgs). **Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências**. Ilhéus: Editus, 2009. 424p.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Espetáculo. In: RUBIM, Antonio Canelas (Org.). **Cultura e atualidade**. Salvador: EDUFBA, 2005.

SAHLINS, Marshall. O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (Partes I e II). **Mana** 3 (1 e 2), 1997, p. 41-73; 103-150.

SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Mapa dos Municípios em síntese**. Disponível em: www.sei.ba.gov.br/index.php?option=comcontent&view=articleid=124&Itemid=105#
Acesso em: 15 set. 2009.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética**; tradução Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2000.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2002.

